

O chat como gênero digital

Maria do Carmo Martins Fontes *

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer um mapeamento preliminar daquilo que chamamos de gênero conversacional digital: o *chat*. Partindo do pressuposto de que para cada gênero é possível estabelecer seu gênero de base (formatador de mensagens) e os gêneros a ele relacionados, este trabalho faz um levantamento sobre os *chats* existentes e procura constituir uma base de análise desses gêneros. Desde o aparecimento das CMCs, vem-se desenvolvendo uma enorme quantidade de ferramentas comunicacionais e programas de computador que permitem trocas de mensagens de forma síncrona. Sob uma perspectiva bakhtiniana, essas novas formas pertencem a uma esfera diferenciada de atividade humana a qual, por sua vez, leva à constituição de novos gêneros. Essa noção torna possível recuperar as características composicionais do gênero *chat* em dois níveis: o da mídia de circulação (digital) e o da sua estruturação formal (formas de organização das mensagens). Os dados analisados para essa tarefa foram obtidos num curso de inglês oferecido a distância, em 1998, por pesquisadores da PUCSP.

Palavras-chave: gêneros digitais, mídia digital, *chat*

Abstract

The main aim of this study is to carry out a preliminary mapping of what we define as a digital conversational genre: the chat. Under a bakhtinian

perspective, new forms of communication belong to differentiated spheres of human activities which, in turn, lead to new discourse genres. Hence, it is possible to trace their compositional features both at their conveyance level (the medium) and at their formal level (message organising modes). To proceed to the mapping, two chat sessions were selected from an English online course held in 1998 and conducted by researchers at PUCSP.

Key words: digital genres, digital media, *chat*

1. Introdução

Nos últimos dez anos, temos observado que, além da incorporação de novos signos semióticos, vem ocorrendo uma revolução na forma como esses elementos circulam: o meio digital tem servido de mediação para trocas entre diversos setores da sociedade contemporânea, ocupando um lugar de destaque na condução e organização de um grande número de atividades humanas.

A proposta deste artigo é fazer um levantamento preliminar das características de uma dessas formas de trocas interacionais mediadas pelo computador – os chamados *chats* –, que ocorrem na Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*), de modo a conhecer melhor suas particularidades e contribuir para uma discussão bakhtiniana de novos gêneros discursivos que vêm se constituindo e, conseqüentemente, transformando as relações entre os homens.

Para analisar os impactos da digitalização nas interações humanas, a noção bakhtiniana de gêneros do discurso é indispensável. Bakhtin¹ define os gêneros discursivos a partir do uso concreto da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana que, por sua vez, estabilizam algumas formas enunciativas que passam a funcionar como característica de uma determinada comunidade e, ao mesmo tempo, como orientação para a produção de novos textos que passam ser reconhecidos como pertencentes àquela esfera. Assim, essa noção de gêneros como instrumentos de regulação das produções discursivas permite que se faça uma caracterização adequada das formas e usos da linguagem para cada texto produzido em determina-

* Bolsista do CNPq, doutoranda no Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUCSP. Sua linha de pesquisa está voltada para questões de ensino-aprendizagem em contextos a distância. Trabalhou como professora convidada no Projeto NAVE (Novos Ambientes Virtuais de Aprendizagem), desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da PUCSP, em parceria com a IBM e o Ministério da Ciência e Tecnologia.

do contexto social, sem que a riqueza da vida humana tenha de ser abstraída, para que se chegue a uma descrição completa dos gêneros existentes.

Dentro dessa perspectiva de análise, a comunicação mediada pelo computador (CMC) pode ser vista como uma nova forma de mediação comunicativa que engendra novas atividades humanas, novas comunidades discursivas e, portanto, novas estruturas enunciativas que merecem ser avaliadas e investigadas como fruto do desenvolvimento humano. O meio digital, como todas as mídias desenvolvidas pelo homem no curso de sua história, reflete, incorpora e transforma as necessidades das organizações sociais de nossa época, suas formas de produção e recepção de textos e seus modos de organização de mensagens.

Do ponto de vista semiótico, conhecer essas transformações a partir de suas características genérico-discursivas é uma das formas de recuperar a função social de todo signo, isto é, de mediar as relações humanas em toda a sua complexidade.

2. A visão bakhtiniana de gêneros: a mídia como gênero

Para Bakhtin “(os) signos só podem aparecer em um terreno **interindividual**. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se.”²

Em todas as ações humanas, há algum tipo de mediação semiótica que organiza a produção e a recepção de mensagens. A linguagem ou, mais especificamente, o signo semiótico medeia as atividades humanas permitindo que sejam reproduzidas e reinventadas as mais diversas formas de atuação do homem para que ele evolua e transforme a si mesmo e o seu entorno.

A digitalização altera objetivamente a forma como os signos aos quais se refere Bakhtin circulam e como as atividades sociais ligadas a eles são afetadas. Como lembraria Engels³, “(a) especialização da mão significa **ferramenta**, e esta pressupõe a

atividade especificamente humana, a reação transformadora humana sobre a natureza, a produção(...) Mas o cérebro acompanhou a par e passo a evolução da mão”. Portanto, se uma simples ferramenta usada numa atividade produtiva, como é o caso do uso de um machado para cortar lenha, altera profundamente a organização da sociedade e os processos cognitivos em geral, a mediação digital das interações humanas revoluciona radicalmente a forma como se dá a organização e a produção das trocas de mensagens entre indivíduos e, portanto, dentro da visão bakhtiniana, entre os diversos grupos sociais.

O uso de uma rede comunicacional com uma base de transferência digital surgiu da necessidade de troca de informações militares⁴. À medida que essa tecnologia foi popularizando-se, os seus usuários foram-se diversificando e criando novos usos para a mídia digital como meio de comunicação. Nessa medida, seguindo a tradição bakhtiniana de análise, podemos afirmar que uma esfera de atividade específica – troca de dados em âmbito militar - gerou formas discursivas particulares que se estabilizaram e passaram a caracterizar um determinado tipo de troca interacional.

Por essa razão, os gêneros conversacionais em meio digital têm de ser analisados pelas propriedades inerentes ao meio em que circulam, isto é, o computador e suas redes comunicacionais.

A primeira característica derivada desse meio é a sua forma de organização, isto é, a forma de documentos digitais. A idéia de documento, inicialmente, recupera a idéia de registro, de possibilidade de rastreamento, tornando possível um acúmulo de informações de maneira organizada, sobre cada produção, em cada momento de sua circulação. Tudo o que é produzido em meio digital é nomeado com informações precisas que caracterizam um documento único, capaz de ser recuperado a partir delas.

Isso só é possível por ser essa a maneira de se “operar” trocas comunicacionais mediadas pelo computador, lembrando que os próprios mecanismos que estruturam a organização dos dados no meio digital tiveram por base a noção de “arquivos” e “pastas”, ambos diretamente relacionados à noção de textos-documento. Em função dessa estrutura, fica mais fácil a reprodução de percur-



sos, a identificação de autoria e as alterações/inclusões feitas num dado documento.

Para permitir uma visualização desse registro, apresentamos um recorte feito a partir do registro de uma sessão de bate-papo num curso de inglês a distância⁵, na qual um dos participantes informa aos outros a necessidade de viajar a negócios:

(22:28:39) STD2: maria, I am leaving now...I have a lot of work because I am going to curitiba this week...

(22:29:00) Maria : So, u'll be away... That's a pity.

(22:29:20) Maria : We'll miss u at the chat bar...

(22:29:28) STD2: I'll be back!!!!

(22:29:32) Maria : U and your good humour...

Podemos observar que a mensagem foi enviada às 22:28:39 pelo aluno STD2 e “respondida” pela professora (Maria) cerca de um minuto depois. O fato de dessas informações estarem quase sempre presentes ou, pelo menos, de serem sempre recuperáveis, faz com que a nossa recepção dessa mensagem seja feita de tal forma, que possamos dar prioridade ou não à resposta pedida, saber se estamos ou não em atraso com as informações e quem gerou a mensagem.

A segunda característica dos gêneros conversacionais digitais é a possibilidade de junção de múltiplos códigos, de maneira simultânea e complementar: fica reforçada a metáfora semiótica do signo adquirindo múltiplas formas, deixando de ser apenas palavra (*litteris*). Essas novas formas impõem, por sua vez, novas maneiras de mediação e de cognição que, necessariamente, transformam seu modo de recepção.

Como tudo são dígitos, imagens (estáticas ou em movimento), sons, textos e gráficos passam a compartilhar a tela do computador, revelando cada um a seu modo os significados pretendidos por seus autores. A recepção também é afetada; nesse caso, não há como “ler” um texto na tela sem percebê-lo, enquanto construção hipertextual, que está em movimento e em diálogo com as outras linguagens que o constituem.

Tomemos como exemplo a inclusão de imagens num hipertexto em uma mensagem da mesma sessão de bate-papo:

(21:46:49) STD2 : ok. wait a min

(21:47:07) Maria : Yes, I'll take your word for it, I mean I trust u.

(21:47:35) STD2: <http://www.netsrq.com/~access/>

(21:48:00) Maria : Ok, thanks. I'll have a go. Later at night, I mean.

O hipertexto é, neste caso, parte integrante do sentido pretendido pelo enunciador cujo tema de discussão era a respeito de um *site* que continha imagens. Em outras palavras, como leitores *a posteriori* e extrapostos a essa mensagem, não saberemos o que o aluno STD2 entende como sendo “imagens interessantes”, a menos que façamos uma visita à página indicada. Entretanto, para os participantes da interação, o *site* indicado faz parte do sentido proposto pela sua autora e uma série de informações são imediatamente acionadas a partir desse conhecimento a respeito dela.

Finalmente, a terceira característica é a possibilidade de intervenção do receptor na construção do significado. Por meio do recurso de “copiar e colar” e da inserção de hipertextos, é possível que um leitor inclua, ou exclua, partes que considere mais ou menos importantes. As idéias bakhtinianas de dialogismo – a eterna situação de troca entre enunciados gerando significados – e heteroglossia – a existência de várias ‘línguas’ compondo um todo – adquirem uma forma particularmente visível quando nos colocamos diante de produtos digitalizados.

Novamente, a título de ilustração, podemos verificar esse processo numa troca de mensagens ocorrida no mesmo bate-papo educacional:

(23:27:52) STD1 fala paraSTD2: Please, in 23:25:32 is read “I would LIKE to go”...
(23:28:06) Maria : I can’t remember the title of the film either. I just remember the name of the actress Bo Derek.
(23:28:30) STD1 fala para Maria: Tks for Carlsberg...;-]

Vemos que o aluno STD1 seleciona parte da mensagem de outro aluno (STD2), recortando-a e fazendo com que ela seja parte integrante de seu enunciado. Fica aparente, portanto, a incorporação de discursos de *outrem* na tessitura de um novo enunciado, além de permitir a intervenção de novos leitores tecendo comentários sobre o trecho escolhido ou mesmo sobre a questão proposta por quem iniciou a mensagem.

Além disso, uma *caractereta*⁶ (*emoticon*, em inglês) é colocada no final do último enunciado de STD1 para indicar um “sorriso”, fazendo com que ele seja percebido com uma entoação própria de agradecimento pela oferta feita pela professora (Maria).

Em suma, os gêneros digitais sintetizam as múltiplas formas de comunicação humana num único meio que reúne as condições para transformar todos os códigos a partir de uma mesma base: a digital. Sendo assim, nossa discussão irá pautar-se por tentar fazer um mapeamento das várias formas existentes no meio digital relacionadas a comunicações síncronas (bate-papos ou *chats*), de modo a trazer algumas contribuições para o estudo e caracterização dos gêneros conversacionais digitais, buscando não incorrer em reducionismos ou aproximações com outras formas de textos que empobrecem a complexidade desses gêneros.

3. Levantamento do gênero bate-papo (*chats*)

Para darmos início à discussão do *chat* como gênero conversacional em meio digital, fizemos um levantamento dos seus formatos encontrados na rede mundial de computadores (World Wide Web), até junho de 2000.

A idéia aqui é olhar como, a partir da função social em que se inserem, as trocas interacionais orientam a participação dos usuários e quais temáticas circulam em cada situação definida.

A tabela que se segue apresenta uma tentativa dessa caracterização. Não se trata, evidentemente, da única forma possível de se proceder ao estabelecimento de características genéricas, tampouco a mais exaustiva. Mas, levando-se em conta a mutabilidade e a flexibilidade inerentes ao meio digital, procuramos seguir os critérios bakhtinianos de análise dos gêneros discursivos, que pressupõem a determinação da esfera de atividade à qual essas interações se ligam.



Tabela – Formatos de *chat* em função das esferas de atividade

Formatos	Participantes e temáticas
Bate-papos educacionais	alunos, professores, convidados; em cursos a distância, visando, basicamente, ao desenvolvimento de competências específicas dos participantes numa dada área de conhecimento;
Bate-papos dentro de provedores	múltiplos participantes; a ligação entre eles é aleatória; tanto usuários do provedor como externos podem participar. temas giram em torno de generalidades (paquera, arte, esporte, cotidiano etc).
Bate-papos de sites exclusivos	participantes são admitidos segundo critérios específicos; os usuários devem ser do provedor específico; escolha de temas é mais elaborada.
Bate-papos com personalidades em sites de provedores e/ou exclusivos	participantes são admitidos até um determinado número; os temas são referentes aos entrevistados.
ICQ/IRC: salas individualizadas reguladas pelos usuários	participantes são selecionados a partir de uma lista específica montada por cada usuário; número ilimitado de participantes; a seleção de temas é feita pelos usuários; podem ocorrer simultaneamente a outros <i>chats</i> .

Esse levantamento preliminar revela algumas características específicas da conversação em meio digital. A primeira e mais evidente é a de que há uma possibilidade de seleção de vários tópicos de interesse, sem que haja a necessidade de pertencer a uma comunidade específica. Em termos bakhtinianos, poderíamos dizer que uma nova esfera de atividade humana foi constituída em função não de interesses ou conhecimento compartilhados apenas, mas, sim, de uma circunstância espaço-temporal que determina uma convergência de interesses num dado momento. Trata-se, portanto, de uma situação de comunicação concreta – daí porque a inadequação do termo “virtual” para defini-la, do meu ponto de vista.

Sendo assim, podemos agora passar para a avaliação do gênero conversacional digital no plano de sua constituição enunciativa, isto é, do ponto de vista da sua forma genérico-composicional, que faz com que o *chat* sirva de ferramenta reguladora que organiza as formas discursivas entre os participantes.

4. Características genéricas dos bate-papos digitais (*chats*)

Como pudemos observar no item anterior, o *chat* pode ser definido como um gênero *participativo*⁷, cuja característica básica é a possibilidade de os interlocutores fazerem suas intervenções se e quando quiserem e escolherem a quem se dirigem. Essa particularidade distingue os *chats* tanto dos gêneros *orais primários*⁸ (trocas informais, utilizando a voz como meio) quanto dos que se utilizam da escrita como meio (cartas pessoais, por exemplo). Por outro lado, podemos verificar, como nos demais gêneros interacionais, que há inúmeras regularidades no modo e na organização da dinâmica discursiva, quando ela se dá de forma síncrona em meio digital.

A primeira característica que marca essa dinâmica é a existência de uma “distância” entre os participantes da interação, isto é, há, necessariamente, a ausência de contato corporal⁹. Quando estamos distantes da situação de troca, não podemos coletar informações importantes e constitutivas dos sentidos pretendidos pelos interactantes, tais como o olhar, as pausas, os gestos, o tom de voz. O meio digital impõe, então, que façamos uso de um gênero de discurso que permita a “transcrição” de emoções.

Vejam como se opera esse discurso “descritor”:

(23:30:53) Maria fala para STD2: Right.
 (23:30:56) STD2 : ahahahah
 (23:31:04) STD1 fala para STD2: Yes, good observation, she never says “hi”...
 (23:31:07) STD2 : very good maria!
 (23:31:26) STD5 : Thank you for explanation!!!! :-))

Em primeiro lugar, é necessário estabelecer quem fala para quem, já que não se dispõe de recursos visuais como o direcionamento dos olhos para interperlar este ou aquele participante. Esse direcionamento pode ser feito opcionalmente dentro da sala de bate-papo, como podemos ver no primeiro enunciado (*Maria fala para STD2*), mas precisamos indicar, clicando no nome da pessoa, a quem nos dirigimos.

Uma segunda característica dos bate-papos pode ser percebida a partir da comparação com as trocas não mediadas pelo computador. Assim, ao contrário da situação face a face, no meio digital, os interlocutores têm o poder de direcionar sua atenção a um determinado participante, tratar de assuntos paralelos, interromper sua interlocução sem ter de negociar sua saída, incluir outras imagens e/ou textos que julgue pertinentes à interação, entre outras ações. Assim, em 23:31:26, o aluno STD5 agradece à professora uma explicação dada anteriormente, sem que se “rompa” ou “obstrua” a troca estabelecida – e aparentemente privilegiada naquele momento - entre STD2 e a professora.

Em seu estudo sobre *chats*, Hilgert¹⁰ (2000) faz um extenso levantamento das características de alternância de turnos que ocorre em interações síncronas mediadas pelo computador. Sua principal conclusão, no que concerne às especificidades das trocas em bate-papos, é a ausência da necessidade de negociação, típica das situações de troca face a face.

Outro dado que permite constituir as regularidades do gênero bate-papo está ligado às convenções estabelecidas pelos usuários das salas acerca da utilização de recursos da escrita, para traduzir aspectos orais (entoação, altura da voz, suavidade ou agressividade no tom). No recorte acima selecionado, vemos dois desses recursos: o uso de (várias) exclamações (*Very good, Maria! e Thank you for your explanation!!!!*) e a repetição grafada de onomatopéias (*ahahaha*).



Outra marca de pontuação bastante recorrente são as reticências, que traduzem, de certa forma, um momento de hesitação do enunciador, ou ainda uma abertura a uma não-resposta por parte daquele que está sendo, direta ou indiretamente, questionado. No caso selecionado, temos o enunciado *Yes, good observation, she never says “hi”...* que pode significar uma tomada de consciência por parte do aluno STD1 sobre a forma de estruturação discursiva (cumprimento/abertura) de um dos participantes do *chat*, a partir de uma constatação feita pela aluna STD2 a respeito dessa estruturação recorrente.

A partir desse levantamento de características, poderíamos nos perguntar se o meio digital “criou” essas formas de organização discursiva de forma totalmente inovadora e empírica.

Podemos fazer um paralelo dessa forma de organização discursiva com aquela presente no gênero *script* teatral. Nele, como nos *chats*, faz-se uso do discurso escrito para se transmitirem sensações próprias dos gêneros orais, tais como raiva, dor, felicidade e hesitação, que contam com o meio vocálico e todos os seus recursos para a constituição do significado.

Na peça *O Santo Inquérito*, DIAS GOMES (1982) assim descreve aquilo que a platéia deveria “ver” nos atores que interpretam Branca e Notário:

BRANCA

Estou de acordo.

NOTÁRIO

(Com ar zombeteiro) Ora viva!, enfim ela está de acordo com alguma coisa!

Podemos observar que, no caso do *script*, também o uso de pontuação (exclamações, parênteses etc) e de nomes e parágrafos para distinguir “quem fala para quem” compõe o gênero de discurso que nos permite “ouvir” e “ver” enquanto lemos. Portanto a mediação da escrita, usada sempre que há uma situação de distanciamento entre produtor e receptor do texto, deve fazer uso de marcas que permitam uma apreensão a mais próxima possível da pretendida pelo autor do texto. Não houve, portanto, uma “criação” de formas genéricas, mas, sim, a recuperação – e a necessária transformação – de algumas preexistentes, mas que serão redefinidas em função das novas esferas em que passam a circular.

Assim é que, no caso dos *chats*, mantém-se a mediação escrita, mas o distanciamento não existe, à medida que a digitalização do texto permite que ele seja transmitido praticamente no instante seguinte à sua produção, como podemos ver pelos intervalos de tempo entre as mensagens (23: 31: 04 e 23: 31: 07, resultando em 3 segundos). Essa possibilidade de resposta imediata os aproxima, então, das trocas orais face a face.

Uma outra especificidade dos *chats* derivada do meio tecnológico em que circula é a possibilidade de se incorporarem ícones que representam ‘sorri’ ou ‘flerta com’ da mesma forma que se aciona o enunciado *fala para*, ao clicar-se sobre uma das formas de intervenção disponíveis em algumas salas de bate-papo.

Assim, os gêneros conversacionais digitais, e mais especificamente o *chat*, só são possíveis dentro da idéia de documento digital, porque a troca mediada pela máquina exige que as trocas sejam organizadas com base na identificação dos geradores de mensagens (quem ‘fala’/escreve para quem) e em que momento da interação (hora/data). Em outras palavras, o enunciador precisa dirigir-se a alguém, mas suas intervenções podem ser – e são – recebidas por todos os participantes de uma dada interação.

Uma outra característica determinada tanto pelo propósito comunicativo do discurso quanto pela natureza da comunidade discursiva é a informalidade das trocas, típica de situações cotidianas ou de gêne-

ros primários como propostos por Bakhtin. Essa condição implica adaptações das formas discursivas, tais como a adoção de linguagem icônica e das *caracteretas*, para complementar os significados propostos através das mensagens digitadas.

Mas essa mesma informalidade da ‘fala’ digital é redimensionada pela possibilidade de alternância simultânea de turnos sem que isso prejudique ou ameace a face dos interactantes. Como propõe Hilgert¹¹, “*os interactantes, uma vez garantida a eficiência comunicativa da interação, tendem a livrar-se das coerções da codificação da língua escrita, recodificando-a em favor de uma interatividade possível por meio da manifestação escrita*”. Privilegia-se a interatividade e sua eficiência em detrimento da formalidade da língua. Eu ainda acrescentaria que os gêneros digitais efetivamente redimensionam a ‘escrita’ dentro de seu espaço-tempo digital, de tal forma que, embora mantendo algumas de suas características fundantes como orientação (da esquerda para a direita) e seqüência (primeiro o sujeito), ela se transforma radicalmente para servir ao propósito de viabilizar as trocas mediadas *no e pelo* computador.

Como podemos ver, os gêneros e as formas discursivas que compõem o *chat* já existem e não “aparecem” ou “desaparecem” em função de sua incorporação por um novo gênero. A transformação propiciada pelo gênero conversacional digital encontra-se na possibilidade que o documento digital tem de poder ser manipulado e transformado pelo seu receptor.

Assim, o meio digital permite que as intervenções, anteriormente feitas apenas de forma marginal (notas à margem, grifos etc como hipertextos lineares), possam agora ser feitas de forma efetiva, podendo ou não ser rastreadas em função da opção do autor.

Vemos, assim, que estar inserido num meio digital faz com que o *chat* recupere formas próprias do texto teatral, que é, por sua vez, fruto da neces-

sidade de se ‘escrever’ aquilo que se deve ‘falar’, ou ainda de se ‘escrever’ aquilo que se deve ‘escutar’. Essa necessidade gerou mecanismos discursivos, tais como a colocação dos nomes dos falantes entre parênteses, a inclusão de descritores de emoções e ações (‘grita com’, ‘gesticula’, ‘olhando a platéia’, imagens de lábios sorrindo, as *caracteretas*).

Todos esses recursos só aparecem em função do fato de estarem em meio digital, o único que possibilita a combinatória de vários códigos: visual, televisual, sonoro, textual-grafado, hipertextual.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo : Hucitec, [s. l.], 1992.

_____. El problema de los géneros discursivos. In: _____. **Estética de la Creación Verbal** : Siglo Ventiuno, [s. l.], 1982.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, introdução. 1998.

GOMES, Dias. **O Santo Inquirido**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1982

ENGELS, F. **Dialética da Natureza**. São Paulo : Martins Fontes, 1979.

Erickson, T. Social Interaction On The Net: Virtual Community As Participatory Genre http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html.

HILGERT, J. G. (2000) A Construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet In: PRETI, Dino (org). **Fala e Escrita em Questão**: projetos paralelos – NURC/SP. São Paulo : Humanitas, 2000.



NOTAS

- ¹ Bakhtin, M. *El problema de los géneros discursivos* (1982)
- ² Bakhtin, M (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1977/1992: 35) - grifo do autor.
- ³ Engels, F. *Dialética da Natureza* (1874/1979: 26) - grifo do autor.
- ⁴ Ver *Parâmetros Curriculares Nacionais - Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental- Introdução*
- ⁵ O curso em questão foi ministrado entre fevereiro e maio de 1998 pela autora deste artigo. Para maiores detalhes, a página pode ser acessada no endereço <http://www.cogea.uol.com.br/sal>.
- ⁶ Os *emoticons* são construções de expressões faciais utilizando os recursos do teclado, como, por exemplo, sorrindo :) [se olhado lateralmente], ou triste : ((entre outros.
- ⁷ Ver Erickson (2000).
- ⁸ Estamos utilizando-nos da classificação proposta por Bakhtin (1982).
- ⁹ Na maioria das vezes e no nos casos aqui apresentados, também há uma distância visual, mas a tecnologia caminha no sentido de diminuí-la com as câmeras já acopladas ao monitor.
- ¹⁰ Hilgert, J. G. (2000) *A Construção do Texto “Falado” por Escrito: a conversação na Internet*
- ¹¹ Hilgert, J. G. (2000), *A Construção do Texto “Falado” por Escrito: a conversação na Internet*, página 53.